

8^o ENESEB



Lusiene Araújo da Conceição Dias

VIII ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

GT 21: O Ensino De Sociologia No Novo Ensino Médio

Relato de Experiência Docente: O Ensino de Sociologia no Novo Ensino Médio e a incorporação de Eletivas de Bases a sua metodologia

Belém, Pará

2023



RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE: O ENSINO DE SOCIOLOGIA NO NOVO ENSINO MÉDIO E A INCORPORAÇÃO DE ELETIVAS DE BASES À SUA METODOLOGIA

Lusiene Araújo da Conceição Dias ¹

RESUMO

Este estudo é um relato de experiência docente no Ensino de Sociologia do Novo Ensino Médio (NEM) mediante a incorporação de eletivas de base à sua metodologia de Ensino. Possui como *locus* de estudo o Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves anexo IV- turno noturno, na zona rural da cidade de Caxias-Maranhão. O texto apresenta reflexões iniciais da implantação do NEM de uma forma geral com teóricos que debatem a temática, e demonstra como foi a recepção e adesão da proposta pelos docentes desta região a partir de descrições detalhadas sobre os efeitos destas ações no Ensino das devidas disciplinas especificadas. Para isto, investigou as percepções de docentes da Língua Portuguesa e de Química que unanimemente deveriam trazer duas propostas de eletivas de base juntamente com a Sociologia a partir destas novas adequações na modalidade de Ensino. Ressalta-se que o cenário de implantação do NEM, nesta escola, foi pós covid-19, momento este, em que muitos professores saíram de uma modalidade remota de Ensino tendo que remodelar todo o aparato metodológico, inserindo novas tecnologias e desdobramentos, e passo a isto, encontravam-se sobrecarregados/as por questões físicos-emocionais pelas interfaces da condição de saúde à época. Fato que impôs à comunidade escolar estadual uma formação abrupta para docentes e diretores que ocorreu por meio da plataforma virtual *youtube* e repasse de materiais didáticos via *whatsapp*, acarretando séries de questionamentos e dúvidas sobre o NEM, como por exemplo, trabalhar eletivas de base, itinerários formativos, projeto de vida, mural dos sonhos, tutoria e ainda conciliar com conteúdos programáticos e cumprimento de cargas horárias tendo em vista a vulnerabilidade social dos alunos e alunas, e as condições financeiras e de acesso à localidade.

Palavras chaves: Eletivas de base; Ensino de Sociologia; Metodologia de Ensino.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é um relato de minha experiência como professora de Sociologia nas turmas de 1º ano do Ensino Médio, no Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves, Anexo IV- turno noturno, escola localizada na zona rural da cidade de Caxias – Maranhão. Este marco temporal da implantação do NEM na cidade de Caxias ocorreu em 2022, e coincidiu com o retorno às salas de aulas presenciais, logo após a crise sanitária da covid-19. Não obstante, deve-se lembrar, que nós docentes no decurso da modalidade de Ensino Remoto tivemos que remodelar todo o aparato metodológico, inserindo novas tecnologias no ensino/aprendizagem de seus/suas discentes, como uso de plataformas e outros

¹ Professora da Educação Básica Nível II SEDUC-MA com 10 anos de exercício, pós-graduanda em Sociologia pela Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT, parda, heterossexual, residente em Caxias- Maranhão, e-mail: lubyth@gmail.com

aplicativos, gravações de vídeos e áudios, envios de links, elaboração de questionários e avaliações pelo *google forms* ou outros. Além do mais, criar atividades lúdicas por meio de aplicativos virtuais para a garantia da continuação das aulas, transformando-se em produtor de conteúdo, conhecido como *youtuber*, redesenhando o processo de Ensino-aprendizagem via tecnologia denominando o termo de *youtuberização* (LAVAL, 2004). Fenômeno este, que afetou diretamente nossos corpos comprometendo nossa saúde física e mental, provocando mudanças drásticas no cotidiano, como a alteração do *lócus* de trabalho que passou a ser a casa, não distinguindo o ambiente público do privado; manifestações de ataques de pânico, crises de ansiedade, depressão, insônias, mudanças nos hábitos alimentares, entre outros desequilíbrios, fatores reforçados com a perda de entes queridos e/ou familiares aparecendo sequelas emocionais irreversíveis.

O traslado do ambiente remoto para o presencial juntamente com a inserção do Novo Ensino Médio, trouxe para nós docentes, memórias da adaptação da modalidade remota enfrentadas no período pandêmico da Covid-19. Deste feito apareceram outros questionamentos com base na nova estrutura do NEM, como operacionalizar as eletivas de base, itinerários formativos, projeto de vida, mural dos sonhos, tutoria e ainda ter que conciliar com conteúdos programáticos e cumprimento de cargas horárias? Qual o conceito de cada um? Mesmo a par de todos estes desafios, nossa formação profissional foi feita remota através do *youtube*, limitando as dúvidas por meio de *chats* e conversas em grupos de redes sociais, impossibilitando outras formas de interações sociais; e ainda tivemos a escassez do material, ficando a mercê de cada docente a busca em sites, livros ou mesmo em materiais particulares, o atendimento a essas demandas iniciais.

Desta maneira, este estudo tem como objetivo relatar a minha experiência docente no Ensino de Sociologia no Novo Ensino Médio face a incorporação de eletivas de base à sua metodologia, investigando as percepções de dois docentes, uma da Língua Portuguesa e outro de Química mediante estas novas adequações na modalidade de Ensino, e deste modo explicar os pontos positivos e negativos no transcorrer do desenvolvimento das etapas da aplicação das eletivas de base. Para a concretização desta pesquisa, utilizei como procedimento metodológico o estudo de caso feito previamente a partir da identificação do problema, ainda o levantamento por amostragem, através da observação participante, e como coleta de dados os relatos de experiências dos/as docentes enviados via conversa em *whatsapp*, e por seguinte a análise do contexto como proposição de soluções (BAUER; GASKELL, 2015). Para isto, o texto apresentará reflexões iniciais da implantação do NEM com teóricos que debatem a temática, bem como demonstrará a recepção e adesão desta



proposta pelos/as docentes da zona rural *Rodagem*² da cidade de Caxias-MA, e posteriormente as descrições detalhadas sobre os efeitos destas ações no ensino das devidas disciplinas acima especificadas em relação a aplicação das eletivas de base em seu contexto.

CONDUÇÃO METODOLÓGICA DA PESQUISA

a. Recepção e *locus* da pesquisa

Este estudo teve como *locus* de pesquisa o Centro de Ensino Thales Ribeiro Gonçalves, anexo IV- turno noturno, pertencente à zona rural por nome *Rodagem*. Para a efetivação desta pesquisa entrei em contato via *whatsapp* com a diretora Patrícia Silva Santos³ que prontamente se dispôs a colaborar dando parecer à realização da pesquisa mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Com a aprovação no espaço de investigação, busquei estabelecer interlocuções com os demais sujeitos sociais participantes desta construção do conhecimento: a docente de Língua Portuguesa Silvana Siqueira da Conceição⁴ e o docente de Química Mishell Santos Ibiapina⁵. Apesar da fragilidade que o contato virtual possibilita nas relações sociais, um fato que propiciou o fortalecimento deste contato inicial foi meu exercício profissional e a interação social tida com ambos durante esse período vivenciado.

Quanto à estrutura física, as salas de aulas são amplas, mais com o grande contingente de alunos torna-se desfavorável o espaço, impossibilitando uma boa circulação. Possui um pátio onde ocorrem as apresentações ou eventos escolares, há banheiros bem conservados, bebedouros com bom funcionamento, não há sala para professores e o refeitório dificilmente funciona, não existe adaptação para pessoas com deficiências. Vale ressaltar, que a escola não possui prédio próprio, funcionando numa escola do município. Seu funcionamento, ainda depende de fatores associados a demanda de recursos hídricos e elétricos, como por exemplo, se chover não como continuar as aulas, pois a escola não provém de gerador, o que interfere também na distribuição de água para os bebedouros e banheiros. Durante períodos chuvosos há interrupção da rotina escolar, devido ao difícil acesso à localidade já que a maioria dos/das docentes são da zona urbana e dependem de transportes de carros pequenos de frete, e, além do mais neste período afluyente de água a região fica alagada e impossibilita o tráfego dos transportes escolares.

2 Atualmente a escola funciona no Povoado Santo Antônio, 2º distrito de Caxias-MA.

3 Mestra em História pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), e diretora adjunta há 15 anos.

4 Professora da Educação Básica Nível II SEDUC-MA e rede municipal, com 25 anos de exercício.

5 Mestre em Química pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professor da Educação Básica Nível II SEDUC-MA, com 22 anos de exercício.

Os/as alunas que frequentam são provenientes de áreas precárias da localidade e apresentam dificuldades na aprendizagem as quais podem corresponder a fatores sociais, afetivos ou ainda econômicos, pois muitos deles/as dependem da economia rural e na maioria das vezes se direcionam à sala de aula após um dia exaustivo na lavoura ou plantio provocando fadiga, sono, desmotivação e desinteresse. Sendo assim, as necessidades para a implantação do NEM, são ainda mais acentuadas, haja vista somar a outras carências já existentes, como: a falta de materiais didáticos; as falhas nos transportes escolares; as ausências de professores; as deficiências no aprendizado em leitura, interpretação e escrita; a falta de motivação por muitos/as dos/as estudantes, pois trabalham no período diurno com agricultura familiar que exige força física; e ainda a falta de merenda escolar que é extremamente necessária aos estudantes, visto que saem de suas casas duas ou três horas antes do início das aulas para pegarem o transporte escolar.

b. Procedimentos metodológicos

Para o alcance da dimensão proposta desta pesquisa, fiz primeiramente um levantamento bibliográfico com seleção de materiais em fontes primárias, livros, artigos e periódicos e fontes secundárias em sites e banco de dados virtuais. Escolhi a abordagem qualitativa com a finalidade de explorar o espectro de opiniões sobre o assunto pesquisado, deixando claro que não é só contar histórias das pessoas, é dar poder e voz em vez de tratá-las como objetos (BAUER; GASKELL, 2015). Em paralelo, imergi nas observações participantes vivenciadas durante o período de implantação do NEM na Unidade Regional de Educação do município de Caxias-Ma e suas adjacências, além dos relatos de experiências proporcionadas pelos colegas de profissão (da Língua Portuguesa e de Química) que tiveram como desafio na época relacionar temas de eletivas de base. As experiências vivenciadas foram em 2022, e para acionar os docentes recorri ao *whatsapp*, método mais rápido e viável para localizá-los e iniciar uma conversa, haja vista as questões de ajustes de dias e horários compatíveis a jornada de trabalho entre nós.

Nesta conversa inicial, falei sobre a intenção da pesquisa e a importância de suas participações para a coleta de informações, deixando claro as relações de confiança, os riscos e benefícios de seus relatos, assim concordaram livremente com o desenvolvimento da pesquisa através da assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. As perguntas foram centrais e bem objetivas para a proposta do estudo, a primeira pergunta foi a respeito da implantação do NEM e suas mudanças na programação conteudística e metodológica de Ensino da disciplina ministrada pelo/a professor/a, e a outra fez referência a experiência de

trabalhar a eletiva de base com a disciplina de Sociologia. Unânicos, foram colaborativos no desenrolar da investigação e condizentes a prática profissional, fazendo transparecer todos os desafios enfrentados durante este período pós-pandêmico atravessado.

PERCEPÇÕES DA CHEGADA DO NEM PELOS DOCENTES

Com o fim da pandemia da Covid-19 e da modalidade remota de Ensino, à luz deste cenário, os/as docentes da Unidade Regional de Educação de Caxias-MA e adjacências viram-se obrigados/as a seguir a medida provisória, pois o ano de 2022 era o último período para a aplicação do NEM. Publicada em 2017 pela Lei 13.415/17 no governo de Temer, de acordo com Ferreira e Santana (2018) esta lei consistiu num ato que evidenciou uma centralidade no campo educacional, isto é diminuição da diversidade de conhecimentos, redução de acesso de alunos/as a conteúdos fundamentais para sua formação, além do mais agravante que é a falta de crítica acerca das relações sociais e a percepção de mundo. Fato que impôs à comunidade escolar uma formação abrupta para docentes e diretores sendo feita por meio da plataforma virtual *Youtube* e o repasse de materiais didáticos via *whatsapp*, acarretando séries de questionamentos e dúvidas sobre o NEM.

Como trabalhar eletivas de base, itinerários formativos, projeto de vida, mural dos sonhos, tutoria e ainda conciliar com conteúdos programáticos e cumprimento de cargas horárias? O que significa cada um? Que tipos de recursos didáticos os/as docentes iriam utilizar? Como atrair os/as adolescentes para se inscreverem nas eletivas? Toda esta carga ficou ao critério de cada docente, que precisou planejar, criar eletivas de bases “às escuras” com caráter de urgência, pois o ano letivo já tinha iniciado e necessitava do cumprimento dessas demandas para seu prosseguimento. Nessa perspectiva, Mizukami (2013) enfatiza a docência como uma profissão complexa e contínua, com passos lentos, em que ensinar e aprender a ser professor/a são condicionados a experiências profissionais por toda a vida, e disto não temos dúvidas.

A formação docente seguiu as instruções da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) de 2018 a partir da separação do Ensino por áreas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza e suas Tecnologias, Linguagens e suas Tecnologias, Matemática e suas Tecnologias e incluindo ainda os itinerários formativos, Projeto de vida com o Mural dos sonhos, Tutoria e Eletivas de bases, em contrapartida a Sociologia foi colocada de forma facultativa o que provocou razões para reforçar sua presença na Educação Básica (PERRUT; ARAÚJO, 2021). No entanto, a forma como foi implantada essa nova

metodologia provocou desajustes emocionais e físicos a muitos/as docentes, como explicitado pela professora Silvana:

Essa nova metodologia, esse Novo Ensino Médio, não fomos nós que criamos. Foi implantado, modelo que veio de fora dos Estados Unidos. Lá eles começaram desde cedo, aqui a gente pegou agora, então tem que haver essa estranheza, tem que haver essa não aceitação, até se adaptarem a esse novo sistema, a essa nova metodologia (mensagem de áudio enviada às 18:02, 31 de março de 2023).

Na percepção da professora é que uma hora ou outra esse modelo de Ensino chegaria ao Brasil e se espalharia gradativamente as demais regiões. Adiante afirma que é um fato a qual não poderíamos fugir, e mesmo que causasse um estranhamento por ser algo novo, com o decorrer dos anos viria a aceitação e adaptação dessa nova metodologia. Neste sentido, segundo a docente, o espírito de conformidade deve existir, visto que não foi algo estipulado e escolhido pelos/as docentes, mas importado de fora da localidade brasileira. Partindo de um olhar sociológico, as entrelinhas condizem com aspectos mais profundos do que mera estranheza, conformidade e possível adaptação, uma vez que isso vai de encontro com as raízes de diferenças sociais, de classes, de raças e outros marcadores sociais. Além do mais, implicaria na reforma do pensamento social retirando as interpretações e reflexões dos fenômenos sociais, e poderíamos viver sem compreendê-los.

Outro ponto relevante nesta fala, é a reflexão em cima do que é novo, de mudanças que deveriam ser aceitas, mas acrescento aqui a relação desse novo, com a defasagem de disciplinas que agregariam valores, debates e reflexões que entraram para a lista de competências e habilidades, como no caso das disciplinas Geografia, História, Filosofia e Sociologia em contrapartida apenas Língua Portuguesa (na área de Linguagens e suas tecnologias) e Matemática (na área de matemática e suas tecnologias) são componentes curriculares obrigatórios em todas as séries/módulos do Ensino Médio, os demais componentes foram para as Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e Sociais Aplicadas (SILVA, 2020). E convenhamos é uma ameaça para a consciência dos fenômenos políticos, econômicos e culturais. No tocante a esse assunto, Mishell foi transparente e direto ao ponto, como manifesto na sua fala:

Eu acho que toda mudança é bastante difícil para se adaptar, adequar e estruturar qualquer que seja a mudança. O que foi mais difícil pra mim é acreditar para muitos companheiros foi o fato de aparecer novas disciplinas e o Professor que não era formado na área seguir para ministrar essas disciplinas. Foi difícil pra todos. Eu gostaria de entender como os profissionais do MEC conseguem fazer esse tipo de mudança. Essa mudança do NEM, no meu ponto de vista foi para aniquilar qualquer esperança dos alunos de escolas públicas ingressarem numa universidade pública. Se o objetivo foi tirar esses alunos de um ensino superior, a mudança seria boa (mensagem de texto enviada às 14:35, 04 de abril de 2023).

Nota-se nas falas de ambos professores a congruência de pensamento quanto a necessidade de adaptação e aceitação desta nova modalidade de Ensino, no entanto, um ponto incomum entre eles, é que nesta última fala em específico, há uma preocupação referente ao exercício de funções que competem a outras áreas do saber que não é destinada a sua em particular. Isso me fez lembrar a forma de como a escola que pertencíamos, escolheu as áreas para trabalharem os itinerários formativos, a qual não foi por aproximação de disciplinas por área, e sim por adequação de horários escolares, devido aos deslocamentos dos/das professores/as e também o quadro de horários, motivo que nos trouxe maiores angústias, e o exercício de maiores habilidades para manejar áreas não afins, como foi o caso de Química e Sociologia ao trabalharmos uma eletiva de base. O docente ainda propõe questionamentos sobre essas mudanças, ao mencionar a perspectiva de alunos de escolas públicas ingressarem em Universidades, compactuando que isso acelerou a estes a dificuldade do acesso ao Ensino Superior.

De certa forma, essa perspectiva da implantação do NEM é uma tendência a aumentar as desigualdades escolares já existentes, e por assim dizer piorar o desempenho dos/das alunas, principalmente ao referenciar a última etapa da Educação Básica. E a grande preocupação para nós docentes foi sobre qual a formação que este aluno/a estará apto/a exercer ao findar do Ensino Médio? Que garantias os itinerários formativos darão a eles/elas diante o contexto das realidades sociais que mudam constantemente? Quais as motivações que terão para cursar as disciplinas, se somente Língua Portuguesa e Matemática são obrigatórias? É sobre isso que devemos questionar. Neste intuito, o professor Mishell persevera em afirmar a necessidade de uma Reforma no Ensino para dar qualidade de Ensino e melhores condições de trabalhos aos professores/as, como destacado abaixo:

Acredito que deveria ter uma reforma sim. Deveríamos ter um Brasil com gestores políticos interessados para a Educação de nossos jovens. A reforma deveria ser uma maneira de dar mais qualidade de ensino para os alunos. Mais condições de trabalho e treinamento para os professores. Se vai ter disciplinas novas, que tenha ou venha profissionais qualificados naquela área das disciplinas. Não eliminar nenhuma disciplina e não mexer em carga horária de nenhuma delas. É uma coisa bem ampla, mas está aí é uma pequena opinião de um simples professor expor o seu ponto de vista de uma remota mudança. Tem que haver alguma coisa, se não o nosso país afunda (mensagem de texto enviada às 14:47, 04 de abril de 2023).

Neste diálogo, com certeza, não era esta Reforma que se esperava. A inclusão de novas disciplinas, de acordo com Mishell, são válidas desde que possam disponibilizar profissionais qualificados nas devidas áreas, o que nós não presenciamos. A mercê desta

implantação, tivemos que flexibilizar saberes para validar a aplicação do itinerário formativo e encontrar justificativas plausíveis para que as áreas de Química e Sociologia pudessem trabalhar. O professor menciona ainda que não se deveria diminuir a carga horária das disciplinas, em detrimento da inclusão dos itinerários e finaliza que esta mudança foi repentina. É contundente relatar as observações de Correa e Garcia (2018) que vêm a partir deste Projeto de Reforma Educacional, uma continuação na segregação e do massacre do direito de uma Educação de qualidade que vem sendo paulatinamente retirada da grande maioria dos/das estudantes historicamente, a saber das classes mais desfavorecidas.

O ENSINO DE SOCIOLOGIA E INCORPORAÇÃO DAS ELETIVAS DE BASE

A identidade profissional da docência em Sociologia vem facetada de reflexos condizentes a formação da estrutura societal e as influências de um contexto histórico controverso à sua adesão na grade curricular. Assim viera de períodos conflitantes e de crises, no que relaciona a disciplina como ciência e seu estabelecimento dentro do ambiente escolar. Dentro da história da Educação a disciplina já foi banida do Ensino secundarista somando a isto dezenove anos, ficando apenas à nível Superior (SOUSA; RIBEIRO, 2008). Meucci (2020) compactua em dizer que por duas vezes a Sociologia figurou como componente obrigatório no currículo das escolas de nível secundário entre 1931 a 1942 e de 2008 a 2017. Neste lapso, investigavam a presença da Sociologia nas escolas e sua institucionalização no pensamento sociológico brasileiro. Bodart (2020, p.137) sintetiza que a introdução da “BNCC não é suficiente para um Ensino de Sociologia que se pretenda libertador e que tenha como horizonte uma democracia radical, pois este esforço se dá em meio à escassez de discussões didáticas no âmbito do ensino de Sociologia”.

A despeito dessas expectativas, e a constante interrogação sobre a validade da disciplina em tempos de outrora, notamos novamente a disciplina como desfavorável no contexto contemporâneo desfazendo sua obrigatoriedade na grade curricular, e agregando seu conteúdo a itinerários formativos como projeto de vida, eletivas de base e outros que podem ser exercidos por docentes de quaisquer áreas. Tendo em vista esse debate, o meu exercício na disciplina de Sociologia na zona rural *Rodagem*, teve como desafio agregar duas disciplinas de áreas diferentes para a elaboração e aplicação das eletivas de base, a saber: Linguagens e suas Tecnologias e Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Por proximidade de discursos, de pensamento interpretativo, reflexivo e crítico, as disciplinas Língua portuguesa e

Sociologia não tiveram tantos conflitos, elaborando para este momento a eletiva de base com o tema “Somos um, somos todos: as diferenças nos aproximam”.

O intuito dessa eletiva de base foi analisar e problematizar a noção de indivíduo por meio da compreensão do conceito de identidade; identificar formas de preconceito e discriminação relacionadas às identidades construídas pelos/as jovens da escola; ampliar o autoconhecimento e a descoberta das singularidades e dos conflitos individuais; e conhecer algumas características sociodemográficas dos/as jovens no Brasil. Deste modo, Silvana se deteve na parte textual, trabalhando diferentes estilos de textos e eu me ative às reflexões sobre as formações identitárias e as diferenças existentes, e os impactos dos marcadores sociais nas relações humanas. Deste modo, a docente de Língua Portuguesa relatou sua experiência com esta eletiva de base da seguinte maneira:

Essa metodologia é bastante complicada, pois a maioria dos alunos não querem participar das eletivas, acham que estudar diretamente as disciplinas vai ser melhor para fazer concursos. Em parte foi muito bom se trabalhar a parte da cidadania, a parte da família e tudo. Só que ainda tem alunos que não querem participar, que dão pouca importância, tem o próprio professor que não conduz o trabalho direito, ai fica prejudicando o trabalho do outro, o outro quer fazer, o outro não quer, ai fica difícil. Teve aluno que não participou, teve aluno que foi só nas ultimas atividades e o professor também teve uns que não queriam fazer direito, achando que era perda de tempo, porque na verdade quando deixa as disciplinas básica do ensino médio para trabalhar a parte da cidadania, da sociedade, da família, eles (os alunos) acham que estão enrolando a aula, e ai eu não sei (mensagem de áudio enviada às 18:02, 31 de março de 2023).

Nestes argumentos, se verifica as dificuldades enfrentadas pela docente ao tentar efetuar a eletiva de base, não obstante os desafios de adequações à disciplina de Sociologia, também a desmotivação dos/das discentes em sala de aula quando realizada esta proposta. Explicita a relevância de se trabalhar temas como cidadania, sociedade e família, só que em contrapartida os/as alunos/as vêm como desperdício de tempo valorizando mais as disciplinas básicas, posicionamento que prejudica o andamento da atividade. Ressalta ainda, o alheamento de docentes quanto a participação efetiva e comprometida com a programação, fator que interfere automaticamente na harmonia do trabalho, o qual deveria ser unânime e coletivo para que pudesse funcionar adequadamente. Esse ponto de vista, instiga reaver o aspecto motivação de ambas as partes, o que sabemos ser fundamental para qualquer execução de tarefa.

Segundo Neves (2010) no contexto Ensino-aprendizagem, a motivação é o fator que impulsiona o indivíduo para iniciar e permanecer até o fim, é pois ter iniciativa em uma ação específica. Neste sentido, a pessoa para fazer algo é necessário ter vontade, isso trará apreço pelo que irá executar e paixão em fazer e aprender as coisas, o que será mais produtivo

e prazeroso o aprendizado. Como atores políticos e sociais precisamos entender o quanto antes este nivelamento e compreender a importância de aprender não só por aprender, no entanto, aprender no intuito de permitir que este aprendizado transforme internamente proporcionando emancipação intelectual, política e crítica. Chiavenato (2010, p.115) pontua que “As pessoas não atuam isoladamente, mas por meio de interações com outras pessoas para poderem alcançar seus objetivos”, percepção útil na composição do Ensino-aprendizagem. A autora Etienne Tassin (2017) faz uma alerta à Educação na perspectiva de levar o/a aluno/a à uma consciência política e reflexiva baseada na emancipação. A Escola, tem emitido visões devastadoras no ato de educar que propicia um espaço de resistência, e pondera que o/a aluno/a atualmente, não é mais de outrora. Os valores estão fragmentados, a família está colocando a carga somente na escola, o respeito, a amizade e elementos constitutivos de uma boa educação regrada a princípios está deteriorada. Em suma, a autora revela que nestes aspectos a Educação está infrutífera, porque não há relação de convivialidade entre a autoridade (professor) e aluno/a em que um deve conduzir e o outro deixar-se ser conduzido, obedecer, e resignar-se muitas vezes e logo ter independência (liberdade) sem menosprezar os outros, isto o levará futuramente aos caminhos da autonomia, um dos pontos relevantes na fala da professora Silvana.

Se com a Língua Portuguesa, encontrei disparidade, imagine com a área de Química, onde um “abismo” paradigmático é existente entre as disciplinas. Com crises entre temáticas e abordagens, chegamos ao consenso da eletiva de base “Qual é a melhor embalagem”? Mas, sua forma de condução foi problemática, o que gerou traquejos dos docentes e a mesma foi se concretizando no “andar da carruagem”. Assim, propusemos refletir e compreender a evolução das embalagens, seus usos e suas funções, o descarte consciente e o uso de novas tecnologias e materiais para reduzir o impacto ao meio ambiente. E ainda mais, trabalhar com situação-problema, envolvendo planejamento, prototipagem, teste de produto e produção de embalagem inovadora, econômica e sustentável, o que requereu o desenvolvimento de habilidades aportadas para o papel de protagonista e empreendedorismo. Chegar a um consenso, não necessariamente seria trabalhar a eletiva de base com maestria, pois não estávamos seguros quanto ao interesse do/a aluno/a e o retorno que sua execução implicaria na vida de cada um/a.

Deixo uma ressalva sobre a escolha das eletivas que deixavam à margem o quesito interesse, e claro interferiu automaticamente na motivação. Após expostas as eletivas no pátio da escola (que foram somente quatro), os/as alunos/as escolheriam primeiramente por proximidade temática, porém caso não houvesse o interesse em algumas delas, deveriam

obrigatoriamente se encaixar em uma delas, e se tivesse um número exorbitante numa determinada eletiva de base, o/a aluno/a seria realocado/a para aquela que tivesse menos procura, esse foi o caso desta eletiva. Quanto a execução metodológica, Mishell trabalhou as composições químicas das embalagens e suas interferências no meio ambiente, enquanto eu, me ative às reflexões em torno da consciência coletiva e os impactos ambientais na sociedade, a partir de uma atitude não refletida sobre o uso das embalagens e seu descarte, finalizamos este itinerário formativo, com a confecção de produtos feitos com caixas de leite vazias em que os alunos/as fizeram a exposição. Em conversa com professor Mishell, perguntei sobre sua experiência em trabalhar a eletiva de base, e respondeu assim:

Pra mim não acrescentou em nada, infelizmente eu tenho que lhe dizer isso e tudo. eu vi aquelas eletivas de base como uma forma de, não sei, de substituir um laboratório, uma aula prática, um trabalho extra classe, uma coisa desse tipo, pra mim se acrescentou alguma coisa para o aluno também não sei, acho que é eles que tem que dizer alguma coisa. Não teve engajamento de aluno e tudo e não foi só na nossa escola, isso ai foi de uma coisa geral. Primeiro não tem nota, isso ai é uma coisa que não vão nem atrás. Segundo a motivação, e por fim dinheiro. Se quer fazer um projeto, o MEC faz uma mudança lá de cima, diz que vai ter subsídios pra dar continuidade ao projeto, mas pra mim foi tudo balela, não teve nada de você fazer um belo projeto pra apresentar, pra comunidade. Projetos com temas belíssimos, na hora da apresentação, quando tinha apresentação, faltava recursos pra você mostrar o projeto, pra mim essa reforma ai não foi assim tão significativa não. Pode ter sido significativa para o outro lado, pra uma outra vertente, não com a preocupação com o aluno da escola pública pra ele ter um melhoramento, para ele ter melhoras, vamos dizer assim, pra ele ter mais capacidade, mais conteúdo, mais possibilidade dele se engajar dentro de uma universidade pública (mensagem de áudio enviada às 14:51, 04 de abril de 2023).

A fala do professor elenca uma infinidade de desabafos e insatisfações que perpassam desde o planejamento e a implantação desta Reforma educacional pelo MEC, há que se pesar também a participação dos/as alunos/as, e da estrutura física e financeira para subsidiar uma melhor aplicação. O que foi preponderante entre as falas dos/das docentes investigados/as foi sobre o modo da aquisição da Reforma, e posteriormente sua implementação partindo do princípio de que em países ricos funcionaram, e o porquê aqui não funcionaria, não é? Sobretudo esqueceram os vieses que cercam constantemente o povo brasileiro e de modo desigual suas regiões: os marcadores sociais de classe, raça, gênero, religião e outros. Tão comumente é falar sobre a empatia e à aceitação das diversidades nos discursos sociais, o que torna-se apenas falatório e mítico. Como de igual modo as pessoas terão acesso a Educação?

A proposta da Educação de Pierre Bourdieu (1992) é baseada no conceito da influência que exerce o capital cultural para explicar os fatores existentes de desigualdades sociais entre as diferentes classes, relacionando o sucesso escolar com a distribuição adequada

deste capital. Compreende-se que o capital cultural é o elemento definidor do aprendizado, visto que os/as educandos/as que possuem famílias desprovidas do capital econômico e por conseguinte do capital cultural, assim o que faz com que apresentem dificuldades de compreensão, demonstrando esforço maior para aprender e àqueles que possuem meios culturais tem acesso amplo de vários mecanismos que contribuem para uma rápida ascensão social e desta maneira alcançam desenvoltura e desempenho na trajetória escolar. E o que falar daquele que não o tem? Como se motivarão? Nas reflexões de Ferreira e Santana (2008) a Reforma provoca uma diminuição da diversidade de conhecimento, assim como a redução do acesso de alunos/as na rede pública a conteúdos fundamentais para sua formação integral, podemos afirmar que será uma educação mais tecnicista e com finalidade para a inserção no mercado de trabalho, e completa que há uma redução no desenvolvimento e percepção crítica acerca das relações sociais.

Portanto, essas disparidades atingem pontualmente as classes marcadamente dizimadas pela construção do contexto histórico, a saber: índios, negros, mulheres, LGBTQIA+, deficientes e outras minorias. Em síntese, a Reforma aconteceu de “cima para baixo”, sem consultas prévias de quem seriam as pessoas prejudicadas, e que expectativas iriam atender. De fato, ainda convivemos com a infraestrutura precária das escolas e a falta de recursos para investimentos em projetos desta estirpe, principalmente nas zonas rurais, e a Educação fracassa quando é pautada em conformismos, em insensibilidades e apenas estruturamento social, é preciso ter comunidade de agentes preocupados com suas liberdades quanto com as dos outros, é fundamental uma autoridade não soberana e dogmática, implicando em desejar ver nos/as discentes a mudança, incentivá-los/as a colocar em prática a convivialidade e assim fazer nascer o respeito como relação de liberdade e não de limitação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A passagem do Ensino remoto para o presencial, e ainda a implementação do Novo Ensino Médio, trouxe para nós docentes, memórias da adaptação da modalidade remota enfrentadas no período pandêmico da Covid-19. Convivemos com intensas mudanças tecnológicas, econômicas, sociais e familiares afetando massivamente a vida dos/das docentes e ocasionando doenças físicas e psicossomáticas. Atravessar toda essa fase, e em sequência aderir a outra modalidade de Ensino totalmente nova, sem sequer acolhimento e apoio psicossocial esfacelou as perspectivas docentes em relação ao Ensino, como ensinar e de que forma repassar algo que ainda não se tinha segurança e conhecimento. Aos “trancos e

barrancos” fomos modelados/as a esse novo formato, recordo-me das várias insatisfações, angústias e preocupações dos/as colegas de profissão ao se depararem com tal sistema de Ensino. Buscamos materiais diversos em redes sociais, sites de consultas, livros de projetos de pesquisa educacional e reproduzimos modelos do Estado vizinho (Piauí) para aplicar satisfatoriamente neste NEM.

É nítido que as mudanças ocorridas no campo educacional afetou toda a comunidade escolar, mas interferiu pontualmente a vida dos/das discentes e seus planos de acessar ao Ensino Superior, uma vez que houve comprometimento nos conteúdos e nas cargas horárias tornando o Ensino mais tecnicista e profissionalizante. E quando fazemos referência aos discentes da zona rural *Rodagem*, essa problemática só tende a aumentar mais ainda, pois muitos deles/as dependem da economia rural o que provoca fadiga, sono, desmotivação e muitas vezes desinteresse. Nos olhares de muitos deles/as víamos a desesperança e a perda da progressão educacional, questionavam sobre os horários, as disciplinas que deixaram de existir, e a entrada de outras que poderiam ter seus discursos abordados em sala de aula como no caso de projeto de vida e Tutoria. Quantos/as de nós docentes exercíamos tudo isso, sem necessariamente ser disciplina? Mas, o foco não é este apenas, poderia até existir essas disciplinas, em turnos diferentes, mas não em detrimento da diminuição da carga horária, e da inexistência de outras sumamente importantes para o pensamento crítico, como a Sociologia e a Filosofia, urge para nós como docentes a inclusão destes diálogos no nosso campo de atuação.

Portanto, quanto aos resultados os/as docentes elencaram como pontos negativos o desinteresse na participação dos/as alunos/as; a falta de retorno das atividades propostas, visto que nas eletivas de base não há avaliação de desempenho; a diminuição de carga horária das disciplinas; a procura por materiais didáticos e conteúdos que não condizem à sua formação para atender as demandas das eletivas de base; os precários recursos financeiros repassados pela instituição de Ensino para a consecução das eletivas de bases, pois requerem utilização dos materiais didáticos, e positivos a flexibilização de inserção de temáticas que possam possibilitar reflexões e posicionamentos críticos como as áreas de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, mas, em contraposição a isto, esse amplo espaço de busca por temáticas infere ao docente necessidade de conhecer a realidade local para que haja o despertar da participação do/a aluno/a.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Tradução de Pedrinho Guareschi. 13 ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2015.

BORDIEU, P. A reprodução. Rio de Janeiro: **Francisco Alves**, 1992.

BODART, Cristiano das Neves. O ensino de Sociologia e a BNCC: Esboço teórico para pensar os objetivos educacionais e intencionalidades educativas na e para além das Competências. **Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais, CABECS**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 131-153, 2020.

CHIAVENATO, Idalberto. **Iniciação à Teoria das organizações**. São Paulo: Manole, 2010.

CORREA, Shirlei de Souza; GARCIA, Sandra Regina de Oliveira. “Novo ensino médio: quem conhece aprova!” Aprova? **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 604-622, mar. 2018. ISSN 1982-5587. Disponível em: doi:<https://doi.org/10.21723/riaee.v13.n2.2018.11469>, acesso em: 01 jun. 2023.

FERREIRA, Wallace; SANTANA, Diego Cavalcanti de. A reforma do ensino médio e o ensino de sociologia. **Revista Perspectiva Sociológica**, n.º 21, 1º sem. 2018, p. 41-53.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 65 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

HARRES, João Batista Siqueira *Et al.* CONSTITUIÇÃO E PRÁTICA DE PROFESSORES INOVADORES: UM ESTUDO DE CASO. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.** Belo Horizonte, v. 20, e2679, 2018. Acesso em 01 de jun 2023, disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/1983-21172018200107>.

LAVAL, Christian. A escola não é uma empresa: O neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: **Planta**, 2004.

MEUCCI, Simone. História da disciplina da Educação Básica no Brasil. In. BRUNETTA, Antonio Alberto (org.) *Et al.* Dicionário do Ensino de Sociologia. Maceió, AL: **Café com Sociologia**, 2020, p. 163-167.

MIZUKAMI, M. da N. Escola e desenvolvimento profissional da docência. In: GATTI, B. A. Por uma política nacional de formação de professores. São Paulo: **UNESP**, 2013.

NEVES, E. R. C. As orientações motivacionais e as crenças sobre inteligência, esforço e sorte dos alunos do Ensino Fundamental. 2010. Dissertação (Mestrado) - **Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2010.

PERRUT, Igor Mayworm; ARAUJO, Marcelo da Silva. A Competência da Sociologia nos moldes da nova BNCC: Um Relato De Experiência. **Revista Perspectiva Sociológica**, n.º 27, 1º sem. 2021, p. 116-129.

SILVA, Ileizi Fiorelli. BNCC, o ensino de Sociologia. In. BRUNETTA, Antonio Alberto (org.) et al. Dicionário do Ensino de Sociologia. Maceió, AL: **Café com Sociologia**, 2020, p. 51 – 55.



SOUSA, M. das D. de; RIBEIRO, M. M. G. Docência e identidade profissional do professor de sociologia do ensino médio. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], v. 1, n. 11, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/4302>. Acesso em: 1 jun. 2023.

TASSIN, Etienne. Educar o cidadão: que êxito esperar de um ofício impossível? In.: Filosofia, Educação, Formação: I Jornada Internacional de Filosofia da Educação – III Jornada de Filosofia e Educação da FEUSP. São Paulo: **FEUSP**, 2017. p. 15-34.

